

## A CONSTRUÇÃO DA ESCRITA DA CRIANÇA NAS SÉRIES INICIAIS: ENTRE CONCEITOS E DISCUSSÕES

Cristiane de Fátima Costa Freire<sup>1</sup>Iandra Fernandes Pereira CALDAS<sup>2</sup>Sheyla Maria Fontenele Macedo<sup>3</sup>

*Universidade Estadual do Rio Grande do Norte – UERN, [crisnenem8@hotmail.com](mailto:crisnenem8@hotmail.com)<sup>1</sup>;  
Universidade Estadual do Rio Grande do Norte – UERN [iandrafernandes@hotmail.com](mailto:iandrafernandes@hotmail.com)<sup>2</sup>  
Universidade Estadual do Rio Grande do Norte – UERN, [sheyla\\_macedo@hotmail.com](mailto:sheyla_macedo@hotmail.com)<sup>3</sup>*

### RESUMO:

Este trabalho teve como objetivo estudar as dificuldades que permeiam o processo de construção da escrita do aluno nos anos iniciais do Ensino Fundamental. Desse modo o trabalho procurou analisar o processo de aquisição da linguagem escrita nos anos iniciais, identificando as fases do desenvolvimento da escrita, esclarecendo os motivos que justificam os diferentes desempenhos das crianças diante de tal processo. Para atingir os objetivos desejados para a realização desse escrito, utilizamos uma abordagem qualitativa fundamentada em pesquisas bibliográfica, na qual cercou-se de teóricos e estudiosos entre os quais podem ser citados: Cagliari (1998), Cardoso (1998), Ferreiro (2001), Ferreiro e Teberosky (1999), Soares (2009), entre outros, que muito bem enfocam esta temática. Dessa forma, torna-se relevante retomar as concepções enraizadas nos educadores mais especificamente os alfabetizadores, quanto à construção da escrita na criança, visto que o desafio não é simplesmente construir uma nova concepção, mas desconstruir uma que já existe (no sujeito e nas estruturas). Acredita-se que os dados trazidos pela pesquisa e a reflexão feita, contribuirão para uma análise mais detalhada em relação à aprendizagem da escrita, por parte dos alunos, bem como no trabalho realizado pelos professores no cotidiano da sala de aula.

**Palavras-chave:** Aprendizagem, Processo de Construção da Escrita, Ensino Fundamental.

### INTRODUÇÃO

A aprendizagem da língua escrita é um processo de construção do sujeito em interação com o meio em que vive, o qual vai sendo construído pela criança muito antes de sua inserção no ambiente escolar. A escrita é uma das mais antigas “tecnologias” que a humanidade já conheceu. Tem servido para as mais diversas realidades, religiosas, políticas, literárias e publicitárias, onde cada povo lhe atribui um uso, exclusivo ou predominante.

No momento de grandes transformações e avanços tecnológicos que o mundo passa, os meios de comunicação invadiram os lares, ruas, etc. A criança se encontra em volta a esse mundo letrado, bombardeados de toda espécie de informações, portanto, faz-se urgente e necessário que a escola tente acompanhar tais avanços, repensando a maneira de lidar e trabalhar com a criança.

O trabalho aqui proposto pauta-se numa revisão bibliográfica referente à concepção levantada por Cagliari (1998), Cardoso (1998), Ferreira (2001), Ferreira e Teberosky (1999), Soares (2009) entre outros que muito bem enfocam a temática da alfabetização de crianças.

Assim, busca-se subsidiar-se no desenvolvimento de uma prática, bem como criar novas características e funções para o fazer educativo. Todos sabemos que as atuais demandas sociais requerem cidadãos capazes de exercer plenamente a sua cidadania. Isso implica saber analisar criticamente as realidades sociais e organizar a ação para intervir nessa realidade, ou seja, a sociedade atual precisa de cidadãos atuantes, que não se limitem a observar à realidade, mas que nela saibam agir, averiguar os fatos, articular acontecimentos e assim prever suas possíveis consequências para a qualidade de vida das pessoas. Portanto nossa pesquisa passa por um papel bem relevante ao levantar tais questionamentos para que o professor na sua prática consiga articular todas essas ações dando uma contribuição mais efetiva no contexto social de seus alunos.

## **METODOLOGIA**

Em consonância como o objetivo desse estudo, desenvolveu-se uma pesquisa documental, de cunho qualitativo na perspectiva de analisar o processo de construção da escrita da criança nas séries iniciais do Ensino Fundamental. Para tanto foram discutidas as ideias e concepções de autores como: Cagliari (1998), Cardoso (1998), Ferreira (2001), Ferreira e Teberosky (1999), Soares (2003).

A pesquisa bibliográfica busca a resolução de um problema (hipótese) por meio de referenciais teóricos publicados, analisando e discutindo as várias contribuições científicas. Esse tipo de pesquisa trará subsídios para o conhecimento sobre o que foi pesquisado, como e sob que enfoque e/ou perspectivas foi tratado o assunto apresentado na literatura científica. (BOCCATO, 2006 *apud* PIZZANI et al, 2012. p. 2)

Nesse sentido, espera-se, com a pesquisa ora relatada a geração de hipóteses ou interpretações que servirão de ponto de partida para outras pesquisas.

## RESULTADOS E DISCUSSÃO

Sabe-se que as primeiras formas de escritas surgiram com as primeiras civilizações, a partir do momento em que o homem sentiu a necessidade de controlar e registrar suas riquezas e conquistas. A história da escrita vista em uma linha de evolução cronológica pode ser caracterizada em três fases distintas: a pictórica, a ideográfica e a alfabética, ou seja, a pintura (desenho), os sinais e as letras. Historicamente muitos sistemas de escrita desenvolveram-se a partir de desenhos.

[...] a escrita começou a existir no momento em que o objetivo do ato de representar pictoricamente tinha como endereço à fala e como motivação fazer com que através da fala o leitor se informasse a respeito de alguma coisa. É claro que as motivações da escrita não se restringem apenas a informação do leitor. A função informativa é a primeira cronologicamente, mas não é a única e nem sempre a principal. (CAGLIARI, 1996, p.105)

E assim como os povos antigos, as crianças também usam o desenho como representação gráfica, sendo capazes de transmitir significação nas suas histórias. A Língua escrita possui a sua própria complexidade, suas formas próprias de entonações e suas regras. Os significados dos signos são construídos a partir do conhecimento que o leitor tem do mundo e da linguagem. O ritmo e a sonoridade possuem um modo próprio de representação. Enquanto na linguagem oral usa-se expressões faciais, gestos, aumento ou diminuição de volumes de som, e muitas outras atitudes sonoras e visuais que complementam o sentido do que se quer dizer, na linguagem escrita sempre se dirige a um interlocutor ausente no tempo e no espaço. CAGLIARI escreve: “A escrita seja ela qual for, sempre foi uma maneira de representar a memória coletiva religiosa, mágica, científica, política, artística e cultural.” (1996, p. 112).

A invenção do livro e, sobretudo da imprensa são grandes marcas da história da humanidade, aos poucos o material escrito impresso foi passando do domínio de poucas pessoas para o domínio público em geral, tornando a quantidade de leitores significativa e conseqüentemente ampliando a produção de textos escritos.

Nos dias de hoje, os jornais e as revistas são tão comuns, que para algumas pessoas passaram a ser uma necessidade do dia a dia, como o ato de se alimentar. Para a maioria das pessoas, aprender a ler e escrever é tão importante como aprender a andar e a falar. E esta necessidade é determinada através da evolução histórica de cada povo. A esse respeito:

Podemos dizer que a distribuição das atividades lingüísticas entre as modalidades escrita e oral muda com a evolução histórica, e a mesma variação encontrada nessa evolução pode ser vista sincronicamente nas sociedades altamente letradas e possivelmente nas nações em vias de letramento, sendo que, nesses casos, a distribuição é determinada pelas diferenças sociais funcionais e pela variação individual. (KATO 2002, pp. 41-42).

A autora mostra então, que todo sistema de escrita tem um compromisso direto ou indireto com os sons de uma língua, e como as línguas mudam implacavelmente com o tempo, a escrita passa a ser algo muito peculiar a cada sociedade e muitas vezes de difícil leitura.

O homem tem inerentemente uma necessidade individual de se expressar e uma necessidade social de se comunicar. Tais necessidades estão inteiramente relacionadas, a ponto de dizer que o homem se expressa comunicando, ou até mesmo, que a base de sua comunicação é sua expressão individual.

O desenho do homem primitivo criado sobre a superfície de algum objeto tinha para ele, de início, a função de expressar suas ideias visualmente, enquanto a fala era sua expressão auditiva. Com o passar do tempo a expressão visual desenvolve-se em duas direções distintas: o desenho como arte e o sistema pictográfico na comunicação. (KATO 2002, p. 13).

Assim sendo, pode-se dizer que o objetivo da escrita é a leitura, e o da leitura é a fala, que juntamente com a expressão lingüística, se caracteriza em sua essência pela união de um significado e um significante.

Pesquisas mais recentes na área da alfabetização constataam que há uma relação entre a história da escrita e os caminhos percorridos pela criança na tentativa de dominar este sistema de linguagem, pois ao interagir com a língua escrita, o indivíduo reconstrói permanentemente tal história, buscando desvendar as bases sobre os quais este conhecimento é organizado.

A invenção da língua escrita foi um processo histórico de construção de um sistema de representação, não um processo de codificação. Uma vez construído, poder-se-ia pensar que o sistema de representação é aprendido pelos novos usuários como um sistema de codificação. Entretanto, não é assim. No caso dos dois sistemas envolvidos no início da escolarização (o sistema de representação dos números e o sistema de representação da linguagem) as dificuldades que as crianças enfrentam são dificuldades conceituais semelhantes às construções do sistema e por isso pode-se dizer, em ambos os casos, que a criança reinventa esses sistemas. (FERREIRO, 1995, p. 12).

Destá forma, pode-se afirmar que o grande ganho que se obteve através da escrita foi o acúmulo de conhecimento organizado, mas ao mesmo tempo, perdeu-se o cunho participativo da forma oral de transmissão de conhecimento. Deste modo, é questionado se as sociedades que ainda ingressam no mundo das nações letradas terão de passar por todas as etapas de forma passiva, ou se haverá uma forma alternativa de transformação, e que ao mesmo tempo, preserve os seus valores característicos.

O principal foco da abordagem psicogenética da alfabetização é a interação entre a criança e a escrita, onde todos os esforços de pesquisa giram em torno das concepções de escrita construídas pelas crianças. Assim sendo, se as interações das crianças com a escrita são reguladas por esquemas gerais de assimilação, pode-se então esperar regularidades de desenvolvimento em todas as ortografias, mas particularmente nos primeiros passos da alfabetização.

Em estudos iniciais investigou-se como o desenho e a escrita das crianças tornam-se reciprocamente diferenciáveis em cada fase pela qual ela passa na sistematização desse processo, onde as primeiras palavras faladas são reconhecidas não pela sua forma fonética, mas antes pela situação na qual são proferidas, e é somente a condição de sua produção que define uma determinada grafia como sendo um escrito ou um desenho. Sobre isso, Ferreiro afirma:

Os indicadores mais claros das explorações que as crianças realizam para compreender a natureza da escrita são suas produções espontâneas, entendendo como tal as que não são o resultado de uma cópia (imediate ou posterior). (FERREIRO, 1995, p. 16)

A história da escrita na criança começa muito antes da primeira vez em que o professor coloca um lápis em sua mão e lhe mostra como formar letras, ou seja, o momento em que começa a escrever seus primeiros exercícios escolares, não é, na realidade, o início do estágio de desenvolvimento da escrita, pois certamente suas origens remontam muito antes, ou melhor dizendo, na pré-história do desenvolvimento das formas superiores do comportamento infantil.

Em contraste com um certo número de outras funções psicológicas, a escrita pode ser definida como uma função que se realiza, culturalmente, por mediação, Vigotsky, reforça bem essa questão:

[...] a condição mais fundamental exigida para que a criança seja capaz de tomar nota de alguma noção, conceito ou frase é que algum estímulo, ou insinuação particular, que, em si mesmo, nada tem que ver com esta ideia, conceito ou frase, é empregado como um signo auxiliar cuja percepção leva a criança a recordar a ideia a qual ele se refere. (VIGOTSKY, 1988, p. 144-145).

Nesse sentido o escrever pressupõe a habilidade para usar alguma insinuação (por exemplo, uma linha, uma mancha, um ponto) como signo funcional auxiliar, sem qualquer sentido ou significado em si mesmo. O ato de escrever é puramente intuitivo e não um meio para recordar, ou representar algum significado.

É importante ressaltar que por não compreender o princípio subjacente à escrita, a criança toma sua forma externa e acredita-se capaz de escrever, antes mesmo de saber o que deve ser escrito, são os “rabiscos ou garatujas” (FERREIRO, 1995).

Muito antes de iniciar o processo formal de aprendizagem da leitura/ escrita, as crianças constroem hipóteses sobre este objeto de conhecimento. Segundo Emilia Ferreiro e Ana Teberosky, pesquisadoras reconhecidas internacionalmente por seus trabalhos sobre alfabetização, a grande maioria das crianças na faixa dos seis anos, fazem corretamente a distinção entre texto e desenho, sabendo que o que se pode ler é aquilo que contém letras, embora algumas ainda persistam na hipótese de que tanto se podem ler as letras quanto os desenhos. “A motivação da escrita é sua própria razão de ser; a decifração constitui apenas um aspecto mecânico de seu funcionamento.” (CAGLIARI, 1996, p.105).

Com relação ao processo de construção da escrita pela criança, as autoras, Ferreiro e Teberosky (1995), o definem em cinco fases:

Na primeira fase, ou melhor dizendo o início dessa construção, as tentativas das crianças dão-se no sentido da reprodução dos traços básicos da escrita com que elas se deparam no cotidiano. O que vale é a intenção, pois, embora o traçado seja semelhante, cada um “lê” em seus rabiscos aquilo que quis escrever. Desta maneira, cada um só pode interpretar a sua própria escrita, e não a dos outros. Nesta fase, a criança elabora a hipótese de que a escrita dos nomes é proporcional ao tamanho do objeto ou ser a que está se referindo.

Na segunda fase, a hipótese central é de que para ler coisas diferentes é preciso usar formas diferentes. A criança procura combinar de várias maneiras as poucas formas de letras que é capaz de reproduzir. Ao tentar escrever, respeita duas exigências básicas: a quantidade de letras (nunca inferior a três) e a variedade entre elas, (não podem ser repetidas).

Na terceira fase, são feitas tentativas de dar um valor sonoro a cada uma das letras que compõem a palavra. Surge a chamada hipótese silábica, isto é, cada grafia traçada corresponde a uma sílaba pronunciada, podendo ser usadas letras ou outro tipo de grafia. Há, neste momento, um conflito entre a hipótese silábica e a quantidade mínima de letras exigida para que a escrita possa ser lida.

Na quarta fase, ocorre, então a transição da hipótese silábica para a alfabética. O conflito que se estabeleceu entre uma exigência interna da própria criança (o número mínimo de grafias) e a realidade das formas que o meio lhe oferece, faz com que ela procure soluções. Ela, então, começa a perceber que escrever é representar progressivamente as partes sonoras das palavras, ainda que não o faça corretamente.

Na quinta fase, finalmente, é atingido o estágio da escrita alfabética, pela compreensão de que a cada um dos caracteres da escrita correspondem valores menores que a sílaba, e que uma palavra, se tiver duas sílabas, exigindo, portanto, dois movimentos para ser pronunciada, necessitarão mais do que duas letras para ser escrita e a existência de uma regra produtiva que lhes permite, a partir desses elementos simples, formar a representação de inúmeras sílabas, mesmo aquelas sobre as quais não se tenham exercitado.

Assim, a criança passa a ter a sua frente uma longa estrada até chegar à leitura e a escrita da maneira que os adultos a concebe, percebendo que a cada som corresponde uma determinada forma; que há grupos de letras separadas por espaços em branco, grupos estes que correspondem a cada uma das palavras escritas.

Nesse entender, Cagliari (1996) aponta para a alfabetização como sendo o momento mais importante da formação escolar de um indivíduo, e primordialmente a aprendizagem da escrita e da leitura. Assim sendo a compreensão da natureza da escrita, de suas funções e usos é indispensável ao processo de alfabetização, mas infelizmente, o que se vê nas salas de aula e nos livros didáticos, é um total desconhecimento do assunto.

As crianças não são meros sujeitos aprendizes, mas são também sujeitos que sabem. Em outras palavras, as crianças adquirem novos comportamentos durante seu desenvolvimento, porém, mais importante, é que elas adquirem um novo conhecimento. Isso significa que o sistema de escrita se torna um objeto de saber e pode ser caracterizado como tal. (GOODMAN, apud FERREIRO, 1995, p. 23).

Alfabetizar é dar liberdade para que o indivíduo pensante, perceba as possibilidades de mundo, onde o sonho é possível realizar, é o real e completamente factível ou melhor, é inserir este ser pensante no mundo letrado, onde possa conhecer fantasias de contos a suas raízes culturais, isto é, entender todo seu processo histórico, e a partir daí, construir sua história lendo-a, relendo-a e escrevendo-a.

Percebe-se que essa liberdade está condicionada a diversos fatores: primeiro o caminho natural do processo que vem da família, e o segundo, o estimulado, intencionado, para a afetiva posse da escrita. A mãe pode demonstrar sua atenção e amor, acariciando a barriga e conversando com seu filho. Este fato propicia acreditar que esse é o primeiro estímulo que a criança recebe da

família, e a primeira interação com o mundo externo, assim, iniciando o seu processo de alfabetização.

Diante de tantos estímulos, antes e depois do nascimento, o que mais fica evidente e natural é a contribuição que se dá ao processo da fala, as balbúcias dos primeiros sons, ela ouve, internaliza e inicia com gritos, depois veem a progressão com “ba”, “pa”, “re” e outros. O tempo passa, e quanto mais contato tiver com as pessoas que a cercam, falando, e conversando com ela, o seu vocabulário aumenta e melhora. A criança aprende a falar falando e refletindo o seu falar ou muito mais ainda ao ouvir o outro que convive com ela.

Neste processo de alfabetizar existe duas facetas: primeiro para o educador é um processo árduo e gratificante, e o segundo para o educando, que tem uma caminhada prazerosa até a apropriação da escrita e da fala, sabendo-se que ainda não se esgota aqui. O que deve ficar claro para os educadores é que a criança ao chegar à escola, traz consigo, estímulo de aprendizagem iniciado no seio familiar e na comunidade inserida, devendo-se a partir destas experiências para continuar este seguimento de uma vida inteira.

Atualmente a criança passa por um desenvolvimento que é orientado pelas estratégias e métodos lúdicos aplicado pelos profissionais da educação infantil. Assim, estes profissionais entendem que esta geração recebe muito mais estímulo que outras recebiam, e por isso, devem estar mais bem preparados, suplantando suas práticas em pesquisas fundamentadas nos teóricos que permeiam a educação como: Piaget, Wallon, Vigotsky, Edgar Morin, Anísio Teixeira, Paulo Freire e tantos outros. É válido ressaltar aqui, que na educação infantil tradicional tinha-se uma ideia errônea dos primeiros rabiscos, e só a partir dos trabalhos de Piaget e das pesquisas de Emilia Ferreiro houve uma melhor compreensão.

Portanto, é importante compreender que o processo de desenvolvimento da escrita é apaixonante, antes de tudo é um ato de amor, coragem e persistência indo muito além do ensinar a ler, dando ao ser humano o real sentido de vida e cidadania pelo simples e talvez o mais gratificante fato de permitir ao ser pensante a liberdade de construção da sua própria história, onde em estudos ainda mais recentes se destaca as ideias de letramento, uma visão social do que realmente seja o processo de construção da leitura e da escrita.

O que explica o surgimento recente dessa palavra? Novas palavras são criadas ( ou a velhas palavras dá-se um novo sentido) quando emergem novos fatos, novas ideias, novas maneiras de compreender os fenômenos. Que novo fato, ou nova ideia, ou nova maneira de compreender a presença da escrita no mundo social trouxe a necessidade desta nova palavra, **letramento?**. (SOARES 2009, p. 16)

A leitura sempre ocupou um lugar importante na vida de muitas pessoas, pois sem leitura, elas ficam sem informação. Ela é também a causa da má qualidade na educação, acarretando problemas na vida social e cultural. Há muitas mudanças que perpassa o dia-a-dia do ser humano, e desconhecê-las pode causar danos ao futuro, principalmente se todos os profissionais não estiverem atentos a esta realidade. Portanto, a leitura, desperta a criatividade nas pessoas, pois quanto mais fizer parte do cotidiano, mais o leitor ficará atento aos problemas que o rodeiam.

Como a leitura, a escrita ou produção de textos também envolve uma multiplicidade de capacidades ou competências e habilidades desenvolvidas ao longo da educação básica, se não ao longo da vida, e que foram sendo investigadas e abordadas paulatinamente pelas teorias e pesquisas. (ROJO, 2009, p. 83).

Do mesmo modo que a leitura é necessária e primordial para o enriquecimento na vida das pessoas, a escrita também obedece a certas normas apesar de que não se podem ater todas elas a momentos da escrita, por exemplo: a perfeição da ortografia. Deve-se preocupar, em primeiro lugar em expressar com clareza as ideias, não se detendo apenas na obrigação de escrever corretamente, pois às vezes essa excessiva vigilância da escrita, bitola o recado que se quer transmitir. A ortografia pode ser revista depois, pois são nas pequenas coisas que se exprime os verdadeiros e mais puros sentimentos.

O tratamento de linguagem, da leitura e da escrita, tem ocupado um grande destaque nos estudos de muitos teóricos, como Piaget, Vigotsky, Cagliari, etc. Esses estudiosos se preocuparam em estudar como a linguagem se desenvolve na criança.

Para Piaget, o processo de desenvolvimento da linguagem e conseqüentemente da escrita segue uma linha evolutiva, pois, para ele a linguagem da criança vai evoluindo, crescendo à medida que ela entra em contato com o social, se aprimorando e construindo o seu conhecimento.

Para Piaget (1998), o elo de todas as características específicas da lógica das crianças é o egocentrismo do pensamento infantil. Ele descreve o egocentrismo como o ocupar de uma posição genética, estrutural e funcionalmente intermediário entre o pensamento dirigido.

O pensamento dirigido é social. À medida que se desenvolve, vai sendo cada vez mais influenciado pelas leis da experiência e a lógica propriamente dita. O pensamento artístico, é individualista e obedece a um conjunto de leis próprias especiais, é incomunicável. (VIGOTSKY, 1993, p. 11).

O pensamento egocêntrico é um elo entre o social e o individual. Para Vigotsky (1993) a fala egocêntrica evolui para a fala interior, e para Piaget (1998) o pensar socialmente é

extremamente social. Quanto mais o ambiente estimular, melhor ela vai falar. Esta fase do egocentrismo desaparece quando a criança vai para a escola por volta dos 7 anos de idade, manifestando o desejo de trabalhar com os outros, advindo assim as primeiras manifestações de reflexão, vindo com ela à escrita. É necessário aprimorar a linguagem da criança, pois ela está em processo de evolução, sendo importante também, analisar como se dá a aquisição da língua escrita.

Quando se fala em domínio da linguagem escrita, fala-se em saber lidar de maneira proficiente com todos os conhecimentos com os quais se opera nas práticas de linguagem. Quer dizer, fala-se em ler e escrever utilizando os procedimentos e estratégias que conferem maior eficácia aos textos produzidos e as leituras realizadas.

Além desse conhecimento, escrever pressupõe o domínio de determinados procedimentos: saber planejar o que vai ser escrito em função das características do contexto de produção colocado, saber redigir o que foi planejado, saber revisar o que foi escrito e finalmente saber reescrever o texto produzido e revisado.

## CONCLUSÃO

No momento em que se vive a era da globalização da educação, da economia, das comunicações e da cultura, numa sociedade pós-moderna e pós-industrial, constata-se que as concepções pedagógicas tradicionais da alfabetização, ligadas aos princípios empiristas das teorias associacionista e comportamental, mostram-se insuficientes para o avanço da compreensão do processo de aprendizagem, pois desconsideram o ponto de vista do sujeito em desenvolvimento, ignorando sua capacidade cognoscitiva para interpretar as informações oriundas do meio, ao mesmo tempo em que impõe, a este sujeito, um ensino calcado no método e na condução exclusiva do professor.

Por isso, a epistemologia genética provocou uma crise capaz de romper com as formulações anteriores existentes na psicologia, abrindo assim, novos caminhos para a pedagogia. Viabilizando a transformação das relações do poder pedagógico através do conhecimento científico, a epistemologia genética piagetiana e a psicogênese da língua escrita, deslocaram o eixo de “como se ensina” para “como se aprende”, abrindo espaços para uma nova prática na alfabetização, mudando radicalmente o papel de cada um dos elementos envolvidos no processo ensino-aprendizagem.

De tudo o que a escola pode oferecer de bom aos alunos, sem sombra de dúvidas, a alfabetização é a melhor, no entanto, ela parece desconhecer a importância desse processo, ignorando-o quando coloca a sua frente um professor despreparado na área. As teorias que

confirmam a prática alfabetizadora tradicional não se sustentam mais, são contestadas e não atendem aos problemas educacionais da contemporaneidade. O professor necessita urgentemente transformar-se em pesquisador, tendo a formação continuada como condição para a aprendizagem permanente e conseqüentemente transformadora de sua prática pedagógica.

## REFERÊNCIAS

CAGLIARI, Luiz Carlos. **Alfabetização & linguística**. 9. ed. São Paulo: Scipione, 1996.

CARDOSO, Beatriz. **Ler e escrever muito prazer**. São Paulo: ática, 1998.

FERREIRO, Emília. **Com todas as letras**. 10 ed. São Paulo: Cortez, 2001.

\_\_\_\_\_. Reflexões sobre alfabetização. 24 ed. São Paulo: Cortez, 1995.

FERREIRO, Emília; TEBEROSKY, Ana. **Psicogênese da língua escrita**. Edição comemorativa. Porto Alegre: Artes Médicas Sul, 1999.

GOODMAN, Yetta M. **Como as crianças constroem a leitura e a escrita**. Perspectivas piagetianas. Porto Alegre: Artes Médicas, 1995.

KATO, Mary A. **No mundo da escrita: uma perspectiva psicolinguística**. São Paulo: Ática, 2002.

PIZZANI, Luciana, SILVA; Rosemary Cristina da; BELLO, Suzelei Faria; et all. A arte da pesquisa bibliográfica na busca do conhecimento. **Revista Digital de Biblioteconomia e Ciência da Informação**. Campinas, v.10, n.1, p.53-66, jul./dez. 2012. Disponível em: [www.sbu.unicamp.br/seer/ojs/index.php/rbci/article/download/.../pdf\\_28](http://www.sbu.unicamp.br/seer/ojs/index.php/rbci/article/download/.../pdf_28). Acesso em 10 de jul de 2015.

ROJO, Roxane. **Letramentos múltiplos, escola e inclusão social**. São Paulo: Parábola Editorial, 2009.

SOARES, Magda. **Letramento: um tema em três gêneros**. 3 ed. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2009.

TEBEROSKY, Ana. **Psicopedagogia da linguagem escrita**. 10 ed. Petrópolis, RJ: vozes, 2001.

VYGOTSKY, L. S. **Linguagem, desenvolvimento e aprendizagem**. 4 ed. São Paulo: ícone, 1988.

\_\_\_\_\_. **Pensamento e linguagem**. São Paulo: Martins Fontes, 1993.

